

SER E TORNAR-SE PEDAGOGO/A: UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Amanda Patricia Dias

Izabel Cristina de Souza Nunes

Rafael Antonio Feitoza Silva

Alunas do Curso de Pedagogia CAMEAM/UERN

Simone Martins Aquilino

Professora Esp. do Curso de Educação Física CAMEAM/UERN

Iandra Fernandes Pereira Caldas

Professora Orientadora Mestranda do DE/CAMEAM/UERN

RESUMO

INTRODUÇÃO: O presente trabalho parte de um estudo realizado durante a disciplina Práticas Pedagógicas Programadas III com o objetivo de entender como se dá o processo de construção da identidade do pedagogo, estabelecemos um dialogo entre a teoria e a realidade. **METODOLOGIA:** Através de uma pesquisa bibliográfica e exploratória descritiva, utilizamos como instrumento de coleta dos dados um questionário semiestruturado. Os sujeitos pesquisados foram professoras da Educação Infantil do município de Portalegre/RN. Sustentamo-nos em conceitos, definições e abordagens tecidas por DUBAR (2005), BRZEZINSKI (2002), IMBERNÓN (2004), KAUFMANN (2004), LIBÂNEO (2007), MARTINS e PEREIRA (2002) e NONATO e SILVA (2002). **RESULTADOS:** No decurso da pesquisa pudemos perceber que a identidade das colaboradoras está muito atrelada às experiências que elas tiveram no percurso de vida e formação. **CONCLUSÃO:** Em construção, nossa identidade está acoplada a nossa subjetividade. Não nascemos professor/a, nos tornamos através de um processo que está em constante desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVES: Identidade. Identidade Profissional. Pedagogo.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

“Quem somos?”. “Quantos de nós há em nós?” são indagações que todos nós vivenciamos. Algumas situações exigem de nós diferentes formas de ser e agir, dentro de nosso ambiente familiar, no nosso trabalho, na casa dos nossos parentes/amigos. Não são poucas às vezes em que é difícil definirmos a nós mesmos. Partindo deste ponto, surge-nos outra indagação: somos ou nos tornamos? Começamos com algumas conceituações. Numa busca a procura do que se define como “ser”, encontramos a seguinte definição como: existir, vir a ser. Quanto ao que se entende pelo termo “tornar-se” é mudar de estado ou condição. Assim, adentramos em algo mais complexo do que possamos imaginar, a identidade.

Para Dubar (2005) existem dois tipos de identidade, aquela que nos é dada, o que os outros veem em nós ou que é socialmente rotulada em nós e aquela que

realmente temos, que reconhecemos em nós. Arroyo (2009) nos fala das múltiplas identidades que possuímos, as que são resultado dos diversos acontecimentos que vivenciamos. Porém, “Não é fácil aceitar uma identidade tão socialmente determinada.” (ARROYO, 2009, p.27)

Quando se fala de identidade, podemos abordá-la em todas as dimensões da vida. E nosso objetivo aqui é adentrar numa reflexão acerca do processo de construção da identidade do profissional docente. Para isso, fizemos leituras de textos e obras de autores/as que abordam a temática. A partir dessas leituras nos foi permitido acentuar nosso olhar para a realidade, fomos à campo a fim de estabelecer relação ou não com a teoria analisada e em busca da resposta para a pergunta inicial: “ser ou tornar-se pedagogo?”. Desse modo, aplicamos um questionário a algumas professoras com perguntas específicas no que diz respeito à escolha da profissão, aos acontecimentos que as levaram a escolher esta profissão, ao processo de construção de suas identidades profissionais, dentre outras.

IDENTIDADE: CONTEXTOS E CONCEPÇÕES

Para dar início à discussão sobre identidade é necessário e imprescindível nos reportarmos às discussões filosóficas e sociais sobre o tema. A filosofia foi pioneira na tentativa de uma definição de identidade. O conceito de identidade é relativamente atual, mas ao afirmar isso, estamos ignorando os esforços filosóficos, que desde a antiguidade vem discutindo o tema. É evidente que a identidade tratada pela filosofia antiga não é a mesma tratada e entendida nas ciências humanas hoje, que é a interrogação do ponto de vista do sujeito, sobre sua própria definição, ou seja, a grande questão do “quem sou eu?”. Podemos citar diversas especulações filosóficas, como a ideia de identidade como substancial, transcendental, como uma ilusão, ou ainda, como um instrumento de fixação num universo instável.

É inegável que não podemos nos limitar apenas a um único domínio de ideias para buscar o conceito de identidade. Portanto, nos desviaremos um pouco da esfera filosófica para nos referir à esfera administrativa do papel da identidade. É certo que essa mudança a princípio é um pouco complicada, mas iremos perceber que esse desvio é decisivo para se entender como a identidade do sujeito é um processo também historicamente determinado.

As primeiras utilizações do termo e da noção de identidade foram relacionadas à ideia de regulação. A regulação do Estado sobre os indivíduos. Por ocasião da desestruturação das comunidades feudais e a individualização das sociedades, junto com isso, veio também, a necessidade do Estado conhecer, separar, contar e avaliar seus governados. Afinal, se tornou necessário identificar para administrar, uma vez que a sociedade não pode ser considerada algo simples e concreto, já que é constituída de matéria viva, impalpável e mutável. O ser humano.

A visão simplificadora da identidade é bastante compreensível, e mesmo necessária, do ponto de vista do Estado. Uma vez que este último tem obrigatoriamente de definir categorias para aí classificar os seus administrados e os diversos elementos a gerir. (Kaufmann, 2004, p. 21).

Os papéis de identificação tiveram sua origem nos registros paroquiais de batismo, só depois os arquivos foram das igrejas para os arquivos públicos. O registro de batismo deu origem ao registro civil. E é a partir do surgimento do estado civil que a identidade das pessoas começa a ser registrada em papéis. O batismo é trocado pela data e local de nascimento. Nasce o bilhete de identidade. Portanto, para o Estado, toda a realidade de uma pessoa poderia ser reunida num único papel, tornando assim, a identidade algo simples e controlável. Percebemos então, uma visão burocrática do Estado sobre o conceito de identidade. O que é uma afirmação totalmente contraditória, uma vez que o processo de desenvolvimento identitário é um fenômeno complexo, variável e impalpável.

Os papéis de identificação de identificação têm outra origem, simultaneamente mais longínqua e mais central, se bem que, também aqui, não controlada de início pelo Estado: os registros paroquiais, que iriam dar surgimento ao estado civil. (Kaufmann, 2004, p. 18).

Essa pequena passagem da identidade não fugiu do propósito, pois foi por meio dela que o termo identidade se popularizou e entrou na linguagem corrente. Antes de ser conceito, a identidade foi categoria administrativa e termo comum. Logo podemos entender que o grande conflito envolto no “bilhete de identidade” é o fato de que este não se tratava de identidade no seu todo, apenas de documento que continha critérios e determinações para se encontrar uma pessoa, e assim deveria se denominar bilhete de identificação, não de identidade. Já que a identidade é compreendida e caracterizada

para muitos estudiosos como Giddens (2002), Bauman (2005), Hall (2006) mutável e contraditória não poderia ser fixada em algumas palavras num pedaço de papel.

O teórico que vai primeiro introduzir uma reflexão moderna de identidade é Sigmund Freud, considerado como o pai do conceito nas ciências humanas. Freud vai lançar uma possível definição de identidade bastante distante daquele conceito sintético dos papéis de identificação. Ele pensa a identificação não como um dado anterior, mas como processo, contínuo, mutável, aberto a atmosfera social, e que é constituída dias após dia.

[...] Freud tinha conseguido lançar (um tanto involuntariamente) na pista duma análise dinâmica e construtivista daquela, subentendendo uma possível definição conceito bastante distanciada do substancialismo dos papéis de identificação. Se bem que não o tendo explicitamente dito, ele podia levar a pensar que a identidade era não um dado prévio, mas que se constituía dia após dia por meio de identificações. (Kaufmann, 2004, p. 24).

A promessa de definir a identidade é frequentemente descumprida. A psicologia social sem dúvidas é a disciplina que mais agiu para construir a definição de identidade. Nessa tradição compreende-se a identidade como o sentimento de “si”, de um eu inconcluso em permanente construção. Um sistema de sentimentos e representações de “si” em uma íntima relação de alteridade com o outro. Porém, muitos estudiosos, de imediato refutam essa ideia, pois não é possível que o sujeito invente sua identidade sem levar em conta o mundo no qual está inserido. A identidade não é uma criação nem interna, nem tão pouco externa ao indivíduo, é um devir, em constante processo de troca e construção intrapessoal e interpessoal. A maior dificuldade para se resolver a questão da definição é justamente essa desarticulação entre subjetividade/ objetividade e/ou emoção/razão e/ou indivíduo/sociedade.

SER E/OU TORNAR-SE PEDAGOGO: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

A premissa básica para começar a discutir a identidade do/a pedagogo/a é entender que toda identidade é construída. Logo a identidade é um processo de construção de significados e experiências, que se dão por meio das relações culturais e sociais, em um determinado tempo e espaço. A busca de identidade resulta no

descobrimos de sua própria constituição, de sua história. É a relação entre a subjetividade, interação, conflitos, construção.

Essa identidade que já sabemos que é construída pode ser pessoal ou coletiva. A identidade pessoal diz respeito à história e experiência pessoal de cada um. Já a identidade coletiva é uma construção social que se dá no interior de um determinado grupo, ou seja, é o *status* social da pessoa. A identidade profissional equivale à identidade coletiva. A identidade coletiva se estabelece por meio das relações humanas, como um processo de contínuas socializações. Nesta ótica, o professor é visto como um profissional de identidades múltiplas.

A identidade do professor é fruto de interações sociais complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens, nas formas cognitivas, nas ações dos seres humanos. Ela define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura, numa história. (Gatti, 1996 *apud* Brzezinski, 2002, p.9).

Quando procuramos relacionar a identidade à profissão, percebemos que a identidade do profissional é um território de batalhas e conflitos, um lugar onde construímos o modo de ser e encontrar-se na profissão. Entendendo que nossa identidade é um processo em construção e que nunca será algo pronto e acabado, é pertinente afirmar que a docência se coloca como base da identidade do pedagogo, ou seja, teoria e prática dentro dos saberes amalgamado de sua profissão.

Estando nós inclusos numa sociedade onde predomina o enorme avanço tecnológico, novas formas de produção, novos padrões de conhecimento, se impõem novas cobranças sobre a qualidade da educação, e conseqüentemente, sobre a formação desses profissionais. A sua prática constitui em parte tal identidade profissional. Já sabemos que a identidade tem raízes na origem de alguém, então a identidade do pedagogo vai além de sua prática hoje, e remete a sua história de vida e formação. Refere-se aos saberes adquiridos, aos saberes que são necessários para sua prática docente.

Neste trabalho, nossa intenção é compreender e discutir o conceito de identidade e especificamente, a identidade do pedagogo, relacionando esses conceitos com uma questão que consideramos ser coerente para as discussões: “O ser ou tornar-se pedagogo”. Muito antes do ingresso num curso de licenciatura nós construímos saberes

da nossa profissão. Não nos tornamos pedagogos/as de uma hora para a outra, os fatores entrelaçados às experiências marcam histórias, raízes e identidades no indivíduo.

Buscamos aqui analisar e caracterizar a construção da identidade docente, do/a pedagogo/a, observando também, de que forma a experiência reflete, influencia e modifica o indivíduo ao longo desse processo de construção identitária. Precisamos chamar a atenção para o caráter cultural desse processo, uma vez que o que dizemos, pensamos e aquilo que dizem que nós somos contribuem para a formação de nossas identidades. Desta forma as identidades são resultados de posicionamentos que adotamos e que muitas vezes procuramos “viver” como se estes viessem de “dentro” de nós, mas que no final das contas é apenas a combinação de circunstâncias e histórias. Essa identidade em questão é construída e tem caráter histórico.

A identidade do profissional da educação não é estática nem fixa, é algo sempre suscetível de mudanças. Essa identidade é construída no cotidiano, nas relações em sala de aula, nas dificuldades, nas discussões da classe e desafios superados. O pedagogo constrói sua identidade essencialmente junto com sua formação contínua. Essa construção se alicerça nos saberes específicos, que são o conjunto dos saberes baseados na ciência, aqueles transmitidos pelo professor durante a formação, ou seja, a teoria. Como também nos saberes pedagógicos e saberes de suas experiências. Pois cada um desses saberes tem seu valor e são elementos fundamentais da identidade profissional.

A identidade profissional é muito marcante na dimensão da identidade social do indivíduo. Podemos entender que a profissão está cada vez mais ligada aos processos identitários, o que não faz desse processo apenas um *status* da profissão. Antes de nos identificarmos com a profissão temos vivenciado e experimentado de uma identidade. Entendemos a identidade profissional como forma de construção social marcada pela interação entre as trajetórias individuais e as relações e vínculos que construímos na nossa profissão. Nessa perspectiva o ser e o fazer-se professor/a é construir e reconstruir a atividade do/a educador/a. É relativo à questão de pertencimento à profissão, aliado às vivências, experiências, à trajetória.

Assim, a identidade pessoal não é distinguida da coletiva, mas as duas são articuladas, constituindo assim a identidade social. Segundo Dubar (2005):

[...] a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições. (DUBAR, 2005, p. 136).

Com isso, podemos concluir que a identidade profissional não deve ser estudada apenas na sua dimensão subjetiva, mas passando a compreendê-la como uma interação da trajetória pessoal e social, é admitir a articulação entre identidade coletiva e social, que se configuram nas relações sociais e de trabalho.

UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO: RELATOS VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIAS

Direcionando nosso olhar para relatos de vivências de educadoras, buscaremos na realidade vestígios que indiquem como se dá o processo de construção da identidade do pedagogo. Fomos a campo e aplicamos um questionário a cinco professoras da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino do município de Portalegre/RN, a faixa etária das colaboradoras está entre 30 e 50 anos de idade, tendo em média 15 anos de exercício em sua profissão. No questionário havia perguntas bem específicas com relação a nossa temática, cujas respostas nos servirão neste momento de subsídio para continuar nosso diálogo.

Ao responder como havia sido a escolha pela profissão, obtivemos delas, em sua maioria, a resposta de que sempre fora um sonho, um desejo que surgira ainda em sua infância. “Essa procura de sentidos passa por saber-se melhor, por entender perceber melhor, que traços, que valores, que representações fazem parte desse construto social, dessa categoria social.” (ARROYO, 2009, p. 34) Algumas também relataram ter sido algo que aconteceu por acaso em suas vidas, como fala a professora *Educadora Brasileira*¹: “A escolha se deu a partir de um concurso público em que fui aprovada, resolvi agarrar a oportunidade e seguir a carreira de educadora”.

Foi unânime o posicionamento delas a respeito de se identificarem ou não com a profissão, todas responderam veemente que é prazeroso apesar de enfrentarem dificuldades, é bastante gratificante trabalhar com crianças, e ser um agente ativo na educação destas, *Cajado de São José* colocou-se da seguinte maneira: “Gosto de ensinar, adoro trabalhar com crianças, aprendo e ensino com eles”.

Quanto aos fatores que foram favoráveis para se tornarem pedagogas, as respostas foram variadas, necessidade de renda, de ter uma profissão, de realizar um

¹ Pseudônimo utilizado para proteger a identidade da participante.

sonho de infância. Resume bem a professora *Tranquilidade*² o que as demais responderam: “*O meu sonho de infância junto a necessidade de uma profissão.*”

No entanto, tivemos uma resposta que nos chamou bastante atenção, a professora *Uva*³ se voltou à imagens das professoras presentes em sua infância para explicar um dos motivos pelo qual ela decidiu ser pedagoga: “Exemplo de várias professoras que se destacaram na minha infância”. O que vêm a confirma o quanto a nossa história e a vivência enquanto aluna influência na nossa escolha profissional.

Podemos perceber na sua escrita que os fatores que contribuíram para a escolha da profissão estão muito atrelados ao contexto da época em que a decisão foi tomada, exceto os casos em que a escolha para a docência fora apenas um acontecimento desprezível. O que nos remete a pensar também que elas podem ter sofrido influência de pessoas próximas e da própria figura que elas tinham como exemplo da profissão, do *status* social da profissão na época.

Ao falar dos saberes que por elas são necessários para o exercício da profissão docente, suas respostas não nos impressionaram, foi citado os saberes teóricos, saberes relacionados à ética profissional, mas todas sem exceção colocaram as experiências como principal mecanismo desencadeador de saberes, ou seja, a teoria precisa está vinculada às experiências, para de fato ser eficaz na prática: “*Os saberes teóricos aliados à experiência adquirida no dia a dia com as crianças.*” (Professora *Tranquilidade*).

Experiência também foi uma das palavras usadas para elas descreverem como se deu o processo de construção de suas identidades como pedagogas, para estas os acontecimentos diários da sala de aula proporciona experiências favoráveis para a definição do seu perfil como educadora. O termo “natural” apareceu em uma das respostas. A professora *Uva* usou as seguintes palavras ao falar da sua identidade: “*ensinar não tem receita, você constrói sua própria receita, isto é, a sua identidade*”.

Podemos assim compreender que não há fórmulas na arte de lecionar, os artefatos que nos constituem vão sendo naturalmente depositada em nós, seguindo um mesmo pensamento a professora *Educadora Brasileira* também mencionou o processo de construção de sua identidade como algo decorrente de vários aspectos, que acontecera num longo espaço de tempo.

² Pseudônimo utilizado para proteger a identidade da participante.

³ Pseudônimo utilizado para proteger a identidade da participante.

“A construção da minha identidade se deu, principalmente, pelas relações dialógicas com pais, coordenadores e acima de tudo com os meus alunos. Esse processo acontece, com mais ênfase, nos primeiros anos, quando começamos a lecionar.”

Apesar de serem pessoas diferentes, com perfis diferentes, que trazem diferentes histórias de vidas, sejam estas profissionais, pessoais, “Representamos um papel, uma imagem social, que carrega traços muito marcantes e muito misturados.” (ARROYO, 2009, p. 28) Algumas respostas foram similares e corroboraram com algumas afirmações tecidas no tópico anterior.

SEGUNDAS IMPRESSÕES

Um caminho foi percorrido, nos voltamos agora para o enfoque principal deste trabalho: “ser ou torna-se professor?”. O “ser” da questão nos dá ideia de que nascemos, mas ninguém nasce professor, quando nascemos não possuímos uma identidade a não ser a identidade burocraticamente forjada pelo estado, que inicialmente sua origem fora citada, que seriam os documentos hoje conhecidos como: certidão de nascimento, identidade, etc que registram nosso nome e algumas informações pessoais.

A sociedade, a cultura na qual estamos inseridos/as se encarrega de imprimir em nós um vir a “ser”, a marca de seu tempo que amalgamada ao que somos, ou melhor nos compreendemos enquanto sujeito nos constrói o nosso ser em “si”. Entretanto, o “ser” também pode ter outro ângulo de visão, o ser depois do tornar-se. Segundo Arroyo (2009), o professor é o único profissional que pode usar o verbo “ser” em sua completude, visto que para ele:

Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal. Os tempos de escolas invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós. (ARROYO, 2009, p.27)

Neste caso, a identidade profissional está extremamente atrelada a subjetividade do sujeito, pudemos observar nitidamente com unanimidade na fala das professoras o quanto o “ser” professora está enraizado nelas. Podemos entender esta nova concepção do “ser” como este depois do “tornar-se”, como já fora dito. Mas, e a identidade? Nossos estudos confirmaram, o pressuposto inicial, identidade é um processo e um

processo amplo, contínuo e ininterrupto. O/a educador/a, as colaboradoras nos provaram isso, deixando claro que sua identidade profissional é construída na labuta de sua profissão, ninguém nasce professor, “nos tornamos”, a começar pelo motivo da escolha da profissão percebemos que essa construção se dá durante a formação e após esta, na prática, através das experiências.

Podemos fazer uma metáfora para melhor exemplificarmos este processo, pensemos nos remédios homeopáticos, aqueles que são aplicados aos pacientes de pequenas doses a fim de alcançar um determinado efeito ou resultado. O/a professor/a recebe ao longo de sua vida pessoal e profissional, pequenas doses, acontecimentos na infância, vivencia com outros educadores/as, parentes próximos que são educadores/as, admiração pela profissão, identificação com alguns teóricos específicos, diferentes formas de ver o mundo, dentre muitos outros possíveis fatores até tornar-se um profissional que possui raízes, que possui historia. E que continuará a construir, somos inacabados. Poderíamos adotar aquela velha placa que colocam nos prédios/casas quando estão em reforma: “desculpem os transtornos, estamos em construção”.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**: Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2009.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRZEZINSKI, Iria. Profissão Professor: Identidade e profissionalização docente. In: _____. (Org.). **Profissão Professor**: Identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano Editora, 2002, p. 7-19.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. In: _____. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Das “profissões” à socialização profissional. In: _____. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Profissões, organizações e relações profissionais. In: _____. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GUIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2004.

KAUFMANN, Jean-Calude. De onde vem o conceito de identidade? In: KAUFMANN, Jean-Calude. **A invenção do si: uma teoria da identidade.** Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. Coleção Epistemologia e Sociedade.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, Z. I. O. ; PEREIRA, L.L.S. A Identidade e a crise do profissional docente. In: Brzezinski, Iria. (Org.). **Profissão Professor: Identidade e profissionalização docente.** Brasília: Plano Editora, 2002, p. 113-132.

NONATO, A. F.; SILVA, E. M. Movimento de educadores e o curso de pedagogia: a identidade em questão. In: **Profissão Professor: Identidade e profissionalização docente.** Brasília: Plano Editora, 2002, 53-73.